

A APARIÇÃO CELESTIAL

WILSON MELLO

A aparição celestial

A aparição celestial

Copyright © 2014 by Wilson Mello

Editor-presidente: Wilson Mello

Editora-chefe: Tarsila Firmino

Projeto gráfico e diagramação: Deborah Silva

Revisão: Daniel Vinicius

Revisor-chefe: Wilson Mello

A aparição celestial

Patrocínio, MG.

Editora Aiko, 22/03/2014.

1. Ficção.

A aparição celestial

A aparição celestial

2014

Impresso no Brasil

Esta obra é uma publicação da Editora Aiko

Ltda.

CNPJ 154703120001-36

www.editoraaiko.com.br

Todos os direitos reservados. Proibida a
reprodução,

Armazenamento ou transmissão de partes
deste livro, através de quaisquer meios, sem prévia
autorização por escrito.

A aparição celestial

1

Quando eu chequei em casa, por volta de duas horas da madrugada - havia me encontrado com alguns amigos e fomos até o bar do Valdir beber cerveja - encontrei uma multidão de pessoas em casa. Gente saindo e entrando. Fiquei assustado, imaginando, apreensivo, o que é que poderia ter acontecido.

Desci do carro, meio alterado pela bebida, e, em passadas largas, fui entrando pela casa. A cada passo que dava, mais aflito ficava, pois percebia que alguma coisa de ruim havia acontecido.

Encontrei minha irmã, Paula, chorando. E assim que ela me viu, correu até mim e me abraçou, murmurando:

- O pai morreu.

Aquelas palavras chegavam aos meus ouvidos como algo inconcebível. Meu pai era novo, tinha 42 anos e sempre fora muito sadio. Tinha orgulho de contar que só

fora para o hospital uma vez, quando se feriu enquanto trabalhava numa fábrica de automóveis; mas por doença mesmo, não fora nunca.

Então eu não entendia como é que ele poderia estar morto. A última vez que eu o tinha visto, há apenas algumas horas, me pareceu bem mais sadio que eu, que tinha só vinte anos.

Questionei, então se meu pai morrera de morte natural ou se fora assassinado. Para mim, ele *fora* assassinado. Sim, só poderia ter sido, embora a polícia não descartasse a possibilidade de suicídio.

Meu pai, suicidar? Que loucura! Isso não tinha cabimento. Ele era a pessoa mais feliz que eu já tinha conhecido. Não me lembro de tê-lo visto uma vez sequer triste. Mesmo quando minha mãe morreu de tuberculose, ele encontrava alguma palavra de otimismo para nos dar.

- Foi melhor assim! - ele nos disse. - Ela tava sofrendo muito.

Na ocasião não concordei muito com ele. Eu tinha somente doze anos e a presença de minha mãe era-me muito importante. Mas hoje, muitos anos depois, percebi que eu estava era preocupado comigo mesmo e nem um pouco com ela. Eu não passava de um egoísta.

Hoje sou capaz de entender a morte e até mesmo de aceita-la. Aceito a morte natural e por doença. Mas morrer assassinado...

O corpo de meu pai fora encontrado na margem de um rio. A teoria da polícia, de que ele poderia ter pulado da ponte, era-me completamente absurda. Como eu o conhecia muito bem, relutava em aceita-la.

Ele adorava viver. Era um criança. Era um homem tão bonito, vigoroso; nem parecia que tinha

quarenta e dois anos. Adorava esportes e cuidava de seu corpo com a dedicação de um narcisista. Frequentava academia e ia ao salão de beleza todo o sábado e foi com ele que eu aprendi a fazer as unhas, embora relutasse a princípio.

Todos diziam que éramos muito parecidos. E eu achava isso ótimo, pois eu o adorava.

Inconformado com sua súbita morte - chorei muito. Paula, minha irmã, fazia de tudo para consolar-me, mas eu me via obrigado a consolá-la em seguida. Ela era só pranto. Era mais nova que eu dois anos e, assim como eu, também adorava o pai.

Sara, minha namorada, disse que não suportava velórios, por isso não compareceu nenhum por um minuto. Eu respeitei. Afinal, acredito que gostar de velório ninguém goste; só se vai, porque tem que se ir.

A nossa casa mal comportou todos os amigos e parentes durante o velório. Minhas tias, irmãs de minha mãe, faziam café e serviam quitandas todo momento - como se comer trouxesse meu pai de volta. Nunca em toda a minha vida vi tanta gente num velório. Pessoas dispostas a passar a noite olhando para um defunto; para um homem que sempre fora tão querido em vida, e que já não passava de um defunto.

Parecia até que ele era uma personalidade política ou artística, tamanha era a quantidade de pessoas presentes.

A verdade não era bem essa. Muitas das pessoas que ali estavam, era mais por curiosidade e compaixão. Homicídio ou suicídio mexe com as pessoas.

A aparição celestial

Para mim, meu pai não tinha se suicidado. Ele não tinha razões para isso. Então, se fora mesmo assassinado, quem foi que o matou e por que o fizera?